



Intermedialidade em Jane Austen: análise de adaptações Orgulho e Preconceito

Intermediality in Jane Austen: Pride and Prejudice adaptation analysis

Elisângela Lopes Pereira¹

Resumo: Jane Austen, escritora inglesa do século XIX, tinha como tema nos seus romances a vida cotidiana dos lares Ingleses. Com uma voz irônica e satírica, é uma das autoras mais lida da literatura inglesa e teve todas as suas obras transformadas em adaptações cinematográficas. Em decorrência das obras cinematográficas, surgiu o fenômeno Austenmania, gerando uma infinidade de produtos com o tema austeniano. Sua obra mais conhecida “Orgulho e preconceito”, tem inúmeras adaptações e teria a tradução intersemiótica da linguagem literária para a cinematográfica conseguido com seus recursos traduzir a essência do texto literário? Em 1995 a BBC produziu uma série de 6 capítulos, de “Orgulho e preconceito” e em 2005 Hollywood produz um longa com o mesmo tema. Sendo os personagens principais Elizabeth Bennet e Mr Darcy, comparo o trecho da obra em que se conhecem, aonde Darcy é extremamente arrogante e insulta Lizzy, com as cenas produzidas no filme e na série, para encontrar a intersecção existentes entre esses dois mundos, a escrita e o áudio visual. A série da BBC pode contar com um tempo maior, e dessa maneira optou por levar no trecho analisado a interpretação mais próxima do texto escrito, utiliza o recurso da câmera bem próxima para mostrar os olhos dos personagens, levando em consideração que a obra escrita é carregada com olhares. O trecho do filme é mais rápido, com baixa iluminação, colocando Lizzy em um local mais escondido, de modo que Darcy não percebe ao final da fala que fora ouvido. Porém apesar de curto, pois o filme tem 2h de duração e pela opção do produtor por falas mais concisas e diretas, o contexto foi mantido e conseguimos perceber a coerência com o texto literário. Cada filme ou série literária carrega o olhar do diretor, pois é a transmissão do roteiro adaptado, entretanto apesar das diferentes opções dos roteiristas, e escolhas por trabalhar determinadas partes dos textos da obra ou não, conseguimos perceber a essência de Orgulho e preconceito nas adaptações analisadas.

Palavras-chave: Intermedialidade; adaptação cinematográfica; Jane Austen.

Abstract: Jane Austen, a nineteenth-century English writer, had as a theme on her novels the daily life of English homes. With an ironic and satirical voice, she is one of the most widely read authors in English literature and has had all her works transformed into film adaptations. As a result of the cinematographic works, the Austenmania phenomenon emerged, creating a multitude of products with the Austenian theme. Her best-known novel “Pride and Prejudice” has countless adaptations, and would the intersemiotic translation of literature language into filmmaking succeed in translating the essence of the literature text? In 1995, BBC produced a 6-chapter series of “Pride and Prejudice” and, in 2005, Hollywood produced a film with the same theme. Being the main characters Elizabeth Bennet and Mr Darcy, I compare the piece of the novel in which they get to know each other, where Darcy is extremely arrogant and insults Lizzy, with the scenes produced in

¹ Especialista em Língua Inglesa pela Faculdade Campo Grande. E-mail: lisinhalopes@gmail.com.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

the film and the series, to find the intersection between these two worlds, the writing and visual audio. The BBC series can rely on a larger period of time, and thus chose to take in the analyzed passage to the closest interpretation of the written text, uses the camera to show the eyes of the characters closely, considering that the written work is loaded with glances. The part of the film is faster, with low lighting, putting Lizzy in a more hidden spot, so Darcy doesn't realize at the end of the speech she has heard. Although it's short, considering that the film is 2 hours long and the producer's choice for more concise and direct speech, the context was kept and we could see the coherence with the literature text. Each literature film or series carries the director's eye, as it is the transmission of the adapted script, however despite the different options of the writers, and choices for working certain parts of the text of the work or not, we can notice the essence of "Pride and Prejudice" in the adaptations analyzed.

Keywords: Intermidiality; cinematographic adaptation; Jane Austen.

1. Introdução

Escrever e publicar na era Georgiana era tarefa difícil para mulheres, a lei, não permitia que elas fossem detentoras de sua obra, precisando ter um homem sempre responsável pela publicação. Algumas nunca assinaram seu livro em vida, nesse quadro, surge Jane Austen, nascida em Steventon, filha do pastor local, teve uma educação informal, porém com muito acesso a livros e leituras da biblioteca de seu pai, que a incentivava a ler muito. Começou a escrever na adolescência, quando com liberdade, provia entretenimento para a família, e evoluindo ao longo de seus 41 anos. Com 4 livros publicados em vida e 3 postumamente, os publicados em vida assinados como "Por Uma Lady". O que nos intriga é, o que uma moça solteira, de família da baixa aristocracia, frequentadora da Igreja Anglicana, que viveu grande parte da vida na zona rural, tem de tão interessante que causa esse fenômeno tão grande de leitores apaixonados e levou a criar adaptações cinematográficas e televisivas?

Quando você vê a literatura que estava sendo feita na época e como tem coisas que não envelheceram bem, você se dá conta de quão genial ela era. E porque existe um motivo para a obra ser tão atual, para a obra ser tão lida. Não tem quase ninguém daquela época que a gente lê e eu acho que não existe ninguém que a gente leia tanto, que a gente discuta tanto, que a gente esteja traduzindo tanto e que tenha esta vitalidade toda, isso é a marca dessa obra genial. (PAPO DE PENGUIN, 2019, podcast)

Após a primeira adaptação de *Orgulho e preconceito* em 1940, a produção em torno de suas obras tem aumentado extraordinariamente, chegando ao ponto de criarem séries de seus livros incompletos, supondo possíveis finais.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

As traduções coletivas dos romances de Jane Austen e outras abordagens de suas obras no écran compõem o que consideramos o cinema literário da autora. Segundo Karen Hollinger, a rainha das adaptações literárias é, sem dúvidas, Jane Austen, cujos livros foram adaptados tantas vezes e com tanto sucesso que o período de 1990 foi apelidado de a década da ‘Austenmania’ (2012, p. 150). (GANDARA, 2015, p.53)

O fenômeno Austenmania surgido em decorrência das adaptações de Jane Austen, demonstra a parcela das influências que os filmes literários têm sobre as pessoas, é possível encontrar os mais diversos produtos, com temas surgidos dos filmes e livros. Durante a leitura de seus romances e até mesmo assistindo a um filme literário de Jane Austen, temos a impressão, de estar vendo a personagem com personalidades que poderiam ser de qualquer pessoa próxima a nós. “Trata-se de uma autora com uma incursão insistente e permanente na cena não apenas literária, mas cultural, sobretudo por conta da força social argumentativa que sua história e personagens oferecem” (AZEREDO, 2013, p.15). Dessa forma temos a impressão que ela é nossa contemporânea.

[...] vale ressaltar que mesmo hoje, mais de 200 anos após a primeira publicação, a mensagem do romance ainda continua atual, isto porque no período em que foi escrito a voz feminina era raramente ouvida e por se tratar de uma escritora que aborda essa questão de uma forma irônica e sutil, as críticas são disfarçadas com muito bom humor, o que tem conquistado milhões de leitores ao redor do mundo e caminhado para a posterioridade ao lado de grandes escritores como William Shakespeare, Charles Dickens e Agatha Christie. (MARINHO, 2018, p.1)

Austen dizia que para se fazer um bom livro eram necessários apenas conhecer quatro famílias de uma pequena vila. E ela conseguia desenrolar em torno do seu texto, o que acontecia no ambiente familiar, de forma clara, chamando a atenção para as verdades das relações familiares. “Em princípio, quando nos familiarizamos com a literatura de Austen, ficamos surpresas com a densidade de sentidos que ela consegue retirar de camadas tão aparentemente banais e insignificantes da vida, entrelaçadas ao próprio cotidiano.” (AZEREDO, 2013, p.23). Jane escreve sobre o ambiente doméstico, os problemas do lar, a visão das mulheres em relação à convivência com os problemas do cotidiano que elas enfrentavam. “Austen é uma especialista em falar daquilo que ela conhece, daquilo que ela domina, que são as relações humanas. Então ela é minuciosa em descrever os sentimentos, as relações humanas e os ambientes que ela conhece muito bem.” (#1, 2019, Podcast).

As situações tão pertinentes à nossa realidade, as ações humanas e da sociedade que é uma espécie de mimese, tornam seus textos próximos do leitor, pois em 200 anos

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

ocorreram tantas mudanças no mundo, tais como tecnologia, conhecimento científico e da medicina. Entretanto há mudanças no comportamento das pessoas que não ocorreram, pois se compararmos à crítica que Jane faz da sociedade, com seu humor ácido, parecem que estão acontecendo neste século. A sua escrita “ao leitor desatento parece apenas romântica”, mas está carregada de apontamentos que ela, mesmo vivendo em um ambiente na maior parte do tempo doméstico, conseguia perceber e relatar em seus livros de forma marcante.

A ironia, concordam os críticos, é um instrumento poderoso que o narrador austeniano mobiliza para produzir uma crítica social mordaz, que não poupa nem as heroínas ao expor suas faltas e limitações. Para além da caricatura e da sátira, a que muitas vezes recorre, esse narrador adota um olhar distanciado e ferinamente crítico para expor as falhas que observa na civilizada ordem social, apreendidas por detrás da urbanidade e das boas maneiras que caracterizam os comportamentos da sociedade. (VASCONCELOS, 2013 *apud* AZEREDO, 2013, n.p.).

Essa voz peculiar, presente nos textos de Austen, está muitas vezes, ainda que mordaz, oculta nas entrelinhas. Seria possível de ser perceber essa voz Austeniana em uma transferência para um código audiovisual? Em seu artigo “The Impossibility of Filming ‘Jane Austen’: Or At Least Six Degrees of Separation”, Brian McFarlane (2006) sustenta que o narrador de Austen tem uma “voz” peculiar de difícil transposição para outros meios que não o literário. (*apud* MUSMANNNO, 2015, p.10) Dentre tantas adaptações de Jane Austen seria possível encontrar essa ‘voz’ peculiar? Outra dificuldade para a transposição audiovisual é o espaço temporal, para a ambientação para a Inglaterra no do século XIX. “Ilustrar um romance de Austen é algo complicado, ela não oferece muitas descrições dos personagens ou dos lugares. A autora se importa mais com a conversação e com a coerência dos diálogos entre as pessoas” (GANDARA, 2015, p.29). Cabe lembrar também que é um Romance de costumes, mostra as normas morais e as convenções sociais da época. Ainda não tão rígidas como na era vitoriana, entretanto, bem rígidas se comparadas as nossas. “Adaptações de época precisam lidar com o desafio de transmitir interesse romântico, respeitando, ao mesmo tempo, as regras rígidas do período.” (MUSMANNNO, 2015, p.119) A intermedialidade sustentaria esses aspectos que para a narrativa austeniana seria natural?

[...] ao realizar uma análise intermediária é necessário considerar as especificidades de cada linguagem. Cada mídia possui um repertório próprio, e dessa forma, implica consumos específicos. Devido a essas particularidades de cada meio, cobrar fidelidade para com um texto-fonte não é relevante, uma vez que é impossível adequar todos os aspectos de uma narrativa a outra com plataformas

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

diferentes. É necessário, entretanto, refletir sobre a recepção do conteúdo do novo texto. (AMORIM, 2017, p.2890)

A primeira obra de Jane Austen a ser adaptada para o cinema em 1940, foi *Orgulho e Preconceito*. Após esta adaptação para o cinema, que mesmo sendo uma adaptação bem livre, impulsionou para que Jane Austen passasse a ser traduzida em várias línguas que anteriormente não tinham apresentado interesse na obra, provando como uma mídia alavanca a outra. Isso fica claro, pois a primeira tradução de Jane Austen em português no Brasil se deu em 1941, um ano após o lançamento do filme aqui. Para uma análise da intermedialidade, escolhi como recorte a cena do primeiro baile de *Orgulho e preconceito*, o livro mais lido de Jane Austen. O trecho do baile quando Mr Bingley é aguardado, pois havia ido a Londres e voltaria acompanhado de alguns amigos. Ao chegar traz consigo suas duas irmãs, seu cunhado e seu amigo Mr Darcy. A princípio Mr Darcy chama muito atenção por ser muito mais rico e mais belo que seu amigo, contudo, por se portar muito arrogantemente e não tirar nenhuma das moças para dançar, a não ser as irmãs de seu amigo, perde o seu encanto. O ápice acontece quando Mr Darcy ofende Elizabeth, pois seu amigo insistia que ele dançasse com Lizzy, e ela o ouve dizer que a considerava apenas tolerável. Lizzy fica aborrecida com o ocorrido, contudo, de diverte com o fato. A seguir trechos do livro *Orgulho e preconceito*, capítulo 3:

Devido à falta de pares, Elizabeth Bennet fora obrigada a ficar sentada por duas danças; e durante parte desse tempo, o Sr Darcy estivera próximo o bastante para que ela ouvisse uma conversa entre ele e o Sr Bingley, que tinha parado de dançar por alguns minutos para tentar convencer o amigo a acompanhá-lo.

– Venha, Darcy – disse ele –, você precisa dançar. Detesto vê-lo aí parado sozinho de um modo tão estúpido. Você se divertiria mais se dançasse.

– De jeito nenhum. Bem sabe como detesto dançar, a não ser que conheça bem meu par. Em festas como esta seria insuportável. Suas irmãs estão ocupadas e não existe outra mulher na sala com quem dançar não fosse um grande castigo.

– Eu jamais seria tão exigente – exclamou Bingley. – Por Deus! Palavra de honra, eu nunca encontrei tantas moças interessantes na vida; e você está vendo que algumas são excepcionalmente belas!

– Você está dançando com a única moça realmente bonita deste salão – Disse o Sr. Darcy, olhando para a mais velha das irmãs Bennet.

– Oh! Ela é a mais bela criatura que eu já vi! Mas bem atrás de você está uma de suas irmãs, que é muito bonita e, tenho certeza, bastante agradável. Deixe-me pedir ao meu par que os apresente.

– Qual delas? – perguntou ele, voltando-se e detendo o olhar em Elizabeth por um instante, até que, encontrando-lhe os olhos, desviou os seus e disse friamente: – É tolerável; mas não tem beleza suficiente para tentar a mim; além disso, não estou disposto a dar atenção a moças que são desprezadas pelos outros homens.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

É melhor que você volte ao seu par e se delicie com os outros os sorrisos dela, pois está perdendo tempo comigo.

O Sr. Bingley seguiu o conselho. O Sr. Darcy se afastou, e Elizabeth foi deixada com sentimentos não muito cordiais em relação a ele. No entanto, contou a história com muita graça às amigas; pois tinha um espírito alegre e brincalhão, que se deleitava com tudo o que era ridículo. (AUSTEN, 2018, p.19-20)

Esta parte do livro introduz o personagem masculino que mais fez sucesso entre todos os personagens desse sexo nas histórias de Austen como um personagem com reservas de interação social e, também, mostra a heroína enfrentando sua decepção com aquele o qual todos estavam elogiando. Era um jovem rico, alto, bonito e com uma renda anual de 10 mil libras, o que era 300 vezes maior que a renda per capita de sua época. O esperado num baile era que as moças fossem tiradas para dançar, pois este era o momento em que elas poderiam socializar e conhecer rapazes. O mesmo era esperado dos jovens que se divertissem e se portassem como um verdadeiro “gentleman”, não deixando que as meninas tomassem “chá de cadeira”, por não ter um par para dançar. Todavia, o Sr Darcy não apresenta interesse em nenhuma delas, e ainda comete a gafe de se deixar ouvir pela moça que estava criticando. Elizabeth passa algumas danças sem encontrar um par e ainda ouve a grosseria de um homem que deveria ser um educado Aristocrata. Ela consegue encontrar graça, mas isso não é visto com bons olhos, vindo a ser o marco do que traz o título do livro *Orgulho e preconceito*, e estes sentimentos se perpetuam por todo o desenrolar da obra, pois vemos os personagens, e não apenas os principais, flutuarem por estes dois sentimentos. Obviamente, que Lizzy e Darcy são os mais influenciados por eles, e este sentimento surgiu nesse trecho acima citado.

O título do romance já se oferece como primeira possibilidade de compreensão da narrativa: se Darcy é imediatamente considerado por todos como orgulhoso e arrogante, Lizzy (embora se considere lúcida) não se contém em seus pré-julgamentos em relação a ele. Mas associação não se dá desse modo único: Lizzy também tem seu orgulho abalado (lembremo-nos de uma fala sua, quando diz, ‘eu poderia até perdoar sua vaidade, se ele não tivesse ferido a minha’); por outro lado, o pré-conceito inicial que Darcy tem em relação a família de Lizzy vai aos poucos se materializando, de modo que o “orgulho” e o “preconceito” do título não ocupam posições estáveis, mas ambíguas. (AZERÊDO, 2013, p. 46)

Para ver se há sucesso na tradução da linguagem literária para a cinematográfica, escolhi analisar o recorte de duas adaptações de *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, uma para o cinema e outra para a televisão. *Orgulho e preconceito* de 2005, Filme Britano-Americano, dirigido por Joe Wrigth, longa de 129 minutos. Tendo com Mr Darcy o ator Britânico

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Matthew Macfadyen e como Elizabeth a atriz Britânica Keira Knightley. Esta produção cinematográfica se tornou muito conhecida e ficou por algumas semanas nas bilheteiras inglesas, foi indicado ao Oscar, Globo de Ouro e ganhou o Bafta de melhor roteiro.

O site agregador de críticas Rotten Tomatoes deu ao longa uma classificação global de 85% de aprovação em 171 críticas contabilizadas, enquanto o site Metacritic baseou-se em 37 críticas para calcular uma pontuação média de 82 pontos. No Brasil, o filme estreou em 2006. No popular site nacional Adoro Cinema, usuários deram ao longa a classificação média de 4,6 em 5 estrelas. (MUSMANNO, 2015, p.116)

A adaptação para a televisão foi produzida pela BBC e pela Americana A&E Network, e lançada pela BBC em 1995. Contém 6 episódios de 55 minutos cada, foi dirigida por Simon Langton, e tendo como protagonistas os atores: Colin Firth, no papel de Mr Darcy e Jennifer Ehle como Elizabeth Bennet. Esta série fez especial sucesso, recebeu vários prêmios. Até hoje Colin Firth é tido como o melhor Mr Darcy devido a cena em que sai do lago com a camisa molhada e encontra Elizabeth em sua propriedade de Pemberley.

Como relembra Parrill (2002, p. 65), Colin Firth, que passou a ser visto como o Mr. Darcy definitivo após a minissérie, afirmou em uma entrevista que o que sua personagem deixa de dizer é tão importante quanto o que diz. Esta ausência de palavras é bastante evidente já no primeiro episódio, quando a personagem se recusa a dançar com qualquer mulher no baile e olha para as pessoas de Longbourn com uma expressão de desaprovação. (*apud* VUADEN, p.64)

Como definir esta intermedialidade? “Como o conceito ‘intermedialidade’ implica todos os tipos de inter-relação e interação entre mídia;” (Clüver, 2007, p. 9), essa ‘mídia’ seria a tradução de um texto escrito, no caso deste estudo, um romance, para uma mídia audiovisual, o cinema e a televisão. Nesta transposição literária os signos são diferentes, já que o texto literário trabalha com a escrita, e o cinema com áudio e imagem. Não podemos comparar a literatura e outras artes numa transposição para o outro código, como o audiovisual, apontando os débitos. Seguindo essa linha de pensamento é de onde sai a famosa frase “o livro é melhor que o filme”, é obvio que sendo um leitor apaixonado, sempre haverá preferência pelo livro. Mas este olhar não é ideal na transposição intermediática. Precisamos ver o que há de comum entre o texto literário e a adaptação cinematográfica e qual o ponto de intersecção entre eles.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

O conceito de transformação midiática aplica-se claramente ao processo que chamamos de adaptação, normalmente para a mídia plurimídia (romance para o cinema, peça teatral para a ópera, conto de faz para o balé, etc.), onde o novo texto retém elementos do texto-fonte (trechos do diálogo, personagens, enredos, situações, ponto de vista, etc.). (CLÜVER, 2007. p. 18)

Nem tudo o que há no livro vai estar da mesma forma na adaptação para o cinema, porém se mantém a coerência, ele está dentro do aceitável. Pode haver mudanças na adaptação, entraria aqui a licença poética, a tradução para algo equivalente e que possa ser representado através do corpo, do som, das imagens, da palavra e até mesmo do silêncio. A adaptação terá algumas partes do livro que o produtor considerar relevantes, e sabendo que a fidelidade completa não haverá, mas coerência, e transmissão do significado geral do texto, que é o esperado para uma tradução literária.

Esses recortes servem para mostrar a escolha ideológica por trás da adaptação. Se, como diz Dudley Andrew, “adaptação é apropriação de significados de um texto anterior” (e um texto pode ter significados variados, ficando a critério do cineasta e roteirista dar maior visibilidade a um ou outro) (AZÉREDO, 2013, p. 50)

Lembrado que quando lemos um texto, nossa mente cria um visual, e muitas vezes há uma expectativa. Assim ao ver a transformação do texto, pelos olhos de um terceiro, podemos entrar em choque, mas isso de forma alguma diminui a legitimidade da tradução literária de um texto para o cinema, cabe ao leitor, ter um olhar amplo da produção cinematográfica e televisiva dos produtores desta mídia audiovisual. “[...] um novo conceito de adaptação foi aos poucos desenvolvido, substituindo a ideia de fidelidade pela ideia de dialogismo. (MUSMANO, 2015, p. 31)

E para entender um pouco desse trabalho audiovisual, precisamos passar por alguns recursos que o cinema e a televisão dispõem. Sendo alguns dele imagens, (criadas por câmeras e tomadas específicas, os planos criados pelo enquadramento dos personagens), o som (dos mais variáveis, que compõem a trilha sonora, ou até mesmo a falta do som), a fotografia (a composição visual do ambiente de filmagem), a interpretação (neste dependo do ator e atriz é um tradutor do texto que está representando para uma câmera), ambientação (que no caso das adaptações de Jane Austen, recorre-se a um cenário ambientado no início do século 19), *flashback* (mostra uma cena acontecida no passado), o tempo (no caso de filme em média 2

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

horas, minisséries em torno de 6 horas total, fragmentadas em 6 capítulos, séries longa, novela) e figurino (os trajes usados na época).

[...] como escreveu Marcel Martin (2003), são elementos fílmicos não específicos justamente por transitarem em várias artes, como é o caso do desenho de produção, os figurinos, da maquiagem, da música e do som. Esses elementos, dentro da linguagem cinematográfica, trazem não somente um excedente de visão, mas também um excedente de construção, ocasionado por leituras de outras áreas, possibilitando ler e traduzir o texto literário de forma a ampliar seus significados. (GANDARA, 2015, p. 92-93).

“O tamanho de qualquer objeto em quadro deve ser proporcional à sua importância para a história no momento.” (Couto, 2015). Este é resumo da regra de Alfred Hitchcock, um dos maiores diretores da história do cinema, um mestre em capturar e provocar emoções poderosas. Nessa regra, ele afirma que cada enquadramento, o foco do quadro em geral ao close, definia a importância dos personagens na cena. Quando vemos uma cena geral de um ambiente, isso significa que os personagens não são tão importantes naquele momento, todavia um close, põe em foco algo importante, como uma expressão, um olhar. Um dos artifícios usados no cinema para criar sensações visuais, são os enquadramentos, por meio dos quais pode-se dar ao público desde a noção do ambiente, aos detalhes dos personagens, sensações de estar perto do personagem, visualizando o fundo e vendo o foco principal que o diretor e o roteirista quer dar a um determinado objeto, ou ao personagem.

Quando traduzido para filme, o narrador de *Orgulho* se aproxima da câmera se compararmos com a citação de McFarlane. A câmera, assim, escolhe de onde começar a contar a história e em quais lugares entrar: nos espaços cotidianos (topus), nos espaços da narrativa fílmica. Como não há uma voz em off que guia o espectador, é o olho da câmera que conduz a obra. É fato, afinal tratamos de tradutores, que a imagem a entrar pelo olho da captação já passou pelo roteiro, pela direção, pelo operador de câmera e por elementos cinematográficos que veremos no próximo tópico. O montador recebe o material completo e visa dar uma forma, ou melhor, enformar enquanto filme. Nesse caso, ainda temos a narrativa literária, ou seja, já existe um caminho a ser seguido. (GANDARA, 2015, p.83)

Segundo OZI (2016) O filme é formado por uma sequência que são pequenas histórias, o conjunto delas forma a história por completo. Essa sequência são as cenas, que acontece com a mudança de um plano para outro. O plano que é unidade mais básica é tudo o que acontece entre um corte e outro.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Os planos tem várias divisões: O grande plano geral (mostra para público o ambiente aonde esta ação está ocorrendo, os personagens não tem valor máximo), plano geral (os personagens aparecem mais, porém o foco ainda é o ambiente, situa o público na geografia geral), plano médio (corta os personagens na altura da cintura, mas ainda mostra o ambiente ao fundo, já é possível ver as expressões dos personagens), plano americano (variação do plano médio, comum em filmes de faroeste, corta os personagens um pouco acima do joelho, sendo possível ver o movimento das pistolas), primeiro plano (corte na altura do peito, dando ênfase a expressão do personagem, a geografia já não tem tanta importância), close (o personagem tem o rosto em foco, não há mais referência do cenário, no close é possível ver se o ator é realmente bom), plano detalhe (mostra um detalhe específico, lembra muito a regra de Hitchcock, é um plano bem fechado), plano conjunto (mais de um personagem no mesmo enquadramento, diálogos ou interações físicas aparecem de forma mais realista, pois aparecem os dois ao mesmo tempo, passa para o público uma sensação de estar ali ao mesmo tempo), plongée (o plano mostra o personagem de cima para baixo, é usado para dar a sensação que o personagem não está no controle da situação), contra plongé (a câmera situa de baixo para cima dando imponência para o personagem) e over the shoulder (enquadra o personagem que é o centro da atenção por cima do ombro de outro personagem, utiliza diálogos e dá a noção do que o nosso outro personagem faz e com quem o principal interage.)

Ao propormos um paralelo, percebemos que a montagem ganha características de autor criador, pois é ela quem dá conta do todo narrativo do filme, ela seleciona os fotogramas, os planos, os ângulos e as imagens captadas pela câmera e dá conta de como a narrativa é recebida pelo espectador. Neste sentido, há duplicidade, coletividade narrativa: o diretor, antes, no ato da captação, o montador depois, no ato de finalização temporal e rítmica do filme. (GANDARA, 2015, p.84)

O trabalho do montador nos leva a entender o desenrolar da obra e substitui a voz narradora do livro. Tendo como base as linguagens cinematográficas e os recursos que o cinema usa, vamos ver as opções que os diretores, produtores e os montadores do filme *Orgulho e preconceito* de 2005 e da série com o mesmo nome produzida em 1995, optaram na hora de criar estas adaptações.

No filme *Orgulho e Preconceito* (2005), o recorte em questão começa com um plano sequência, mostrando embaixo de uma arquibancada, um pouco escura, num plano geral, e Mr Darcy e Mr Bingley aparecem ao fundo, como em segundo plano. Eles andam e conversam, ambos bem arrumados, Mr Bingley com um sorriso no rosto e Mr Darcy com

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – Letras Compartilhadas

uma feição completamente séria. Mr Bingley diz: “- Nunca vi tantas garotas bonitas na minha vida”. E Mr Darcy responde: “- Você está dançando com a única garota bonita”. Eles param, no momento em que a câmera mostra em primeiro plano Lizzy e Charlotte, que estão sentadas embaixo da arquibancada escondidas, passando para um plano conjunto, porém ainda mantendo os rapazes ao fundo. As garotas olham para eles sem serem vistas. Mr Bingley responde: “- Ela é a mais linda criatura que eu já vi. ”. Darcy olhando para os demais, ouve Bingley dizer: “- Mas a irmã dela, Elizabeth é agradável. ”. Darcy olha para ele e responde: “- Perfeitamente tolerável. Não é bonita o bastante para me atrair, volte para a sua parceira e aproveite o sorriso dela. Você está perdendo seu tempo comigo”. Nesse exato momento a câmera faz um close em Lizzy, que expressa sua surpresa, ficando boquiaberta e abaixa a sua cabeça. O foco agora passa a ser a reação de Lizzy, e num enquadramento over the shoulder, Charlotte aparece de costas, apenas do ombro para cima e consola Lizzy dizendo: “- Conte as suas bênçãos, se ele gostasse de você teria que falar com ele”. Lizzy ri e diz: “- Precisamente. Não dançaria com ele por toda Derbyshire. Ainda mais pela metade miserável”. O foco volta para Charlotte e aparece ambas rindo da situação. Toda essa cena se passa em 42 segundos.

Agora olhemos para a nossa segunda opção que é a série da BBC (1995) , a ambientação é bem mais clara, as cores também bem mais festivas e as pessoas com trajés mais sofisticados. O sotaque inglês é bem mais destacado, principalmente no personagem de Mr Bingley.

Elizabeth está sentada sozinha, Mr Bingley termina uma dança, deixa sua parceira Jane com as amigas e vai ao encontro de Darcy que está em pé não muito distante de Lizzy, de forma que o enquadramento é o over the shoulder, foca Lizzy de costas, um pouco embaçado, em segundo plano Mr Darcy e Mr Bingley conversando e em terceiro plano quase de corpo todo, as damas em grupo. Mr Bingley inicia a fala dizendo: “- Venha, Darcy, você tem que dançar! Devo, odeio vê-lo parado desta maneira estúpida! Vamos será melhor dançar! ”. E o foco varia para primeiro plano, mostrando ambos conversando. E a resposta de Darcy é: “- Certamente não devo. Numa festa como esta seria insuportável. ”. Quando ele fala insuportável, o plano vai para Lizzy, num plano contra-plongée, dando a impressão da inferioridade de Lizzy, que mantém um olhar focado. O foco retornando para os cavalheiros, como anteriormente, num primeiro plano e Mr. Darcy diz: “- Suas irmãs estão comprometidas. Você sabe que me castigaria se dançasse com qualquer outra mulher”. Aparece num plano geral as irmãs de Darcy dançando e todos que participam do baile.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – Letras Compartilhadas

Novamente o foco volta-se para os dois e a conversa continua com Mr Bingley indignado: “- Bom Deus, Darcy! Não seria tão meticuloso quanto você é por um reino! ”. A cena se volta para Lizzy no mesmo enquadramento de contra-plongée, com foco nos olhos da personagem e uma leve ironia nos lábios. Voltando para os rapazes, Bingley continua: “- Palavra de honra, nunca conheci tantas meninas agradáveis na minha vida! ”. A cena mostra novamente Lizzy, com o mesmo jeito irônico e mostra mais uma vez os jovens, todavia num ângulo focando primeiro Bingley, que agora está olhando em direção ao grupo de garotas, que na cena anterior estava nas costas dele, enquanto diz: “- Várias delas incomumente bonitas. ” Darcy se volta para ele no primeiro plano e a cena passa para um plano médio mostrando Jane e Charlotte conversando, enquanto diz: “- Você tem dançado com a única menina bonita do salão.”. E voltando o foco para eles, Bingley diz: “- Darcy ela é a criatura mais bonita que já vi. Olhe, olhe.” Ele olha para Lizzy e a cena, num plano geral, mostra Elizabeth sentada a olhar as pessoas dançando. Bingley aponta: “- Há uma das irmãs dela. Ela é bonita também”. Neste momento tem um close em Lizzy, que está atenta na conversa e Bingley continua: “- Eu a achei muito agradável”. Darcy diz: “- Ela é tolerável, suponho. Mas não bonita o bastante para me tentar”. O foco continua em Lizzy, que expressa ter ouvido a fala desagradável de Darcy. O plano novamente volta pra Darcy dizendo: “- Bingley, não estou com humor para considerar moças, que são desprezadas por outros homens. Volte para a sua parceira. Desfrute seus sorrisos. Está desperdiçando seu tempo comigo.” Bingley sorri, sai e fica apenas Darcy no foco de primeiro plano com o rosto completamente sério. A cena volta-se para Lizzy, que sorri, olha para ele, se levanta, passa em sua frente sorrindo, ele a acompanha com o olhar. Há um close no rosto de Darcy que segue olhando para Lizzy, enquanto a cena num plano americano, se volta para ela conversando com Charlotte Lucas e ambas olham para Darcy enquanto sorriem. Ao fundo está Bingley e Jane olhando para o baile. Novamente temos um close em Darcy, que se expressa com um olhar sério. Tudo se desenrola em um minuto e 95 segundos.

Conclusão

Os dois recortes mostram o que a diferença do tempo pode fazer numa adaptação, enquanto temos um texto mais longo na adaptação da BBC que é uma série, o filme tem a metade do tempo. No filme de 2005, há uma escolha por cores mais sóbrias, tanto nos figurinos como na locação, deixando transparecer o fato que era noite e pouco iluminado o ambiente pelas velas. Enquanto a série tem o figurino mais claro, e o ambiente também. A

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

opção do figurino da série é mais clara e mais luxuosa, as mulheres usam enfeites nos cabelos e luvas, enquanto no filme elas estão mais simples e sem luvas. As fãs de Austen criticam o figurino simples do filme, dizendo que sai muito da regra de vestimenta e conduta da época. Porém foi uma escolha, pois no filme a ambientação é do final do século 18 e também uma forma de diferenciar as classes, colocando os aristocratas em posição mais vantajosa. E a série ao colocar um figurino mais rico, opta por mostrar que mesmo a classe dos Bennet não sendo a aristocracia, e sim a classe média, eles não se dobravam em sentir-se inferiores.

Essas duas opções não influenciam a compreensão da intermedialidade, pois, ambas conduzem a cena de modo a expressar plenamente bem o contexto da escrita de Jane Austen. Quando o filme, por ter menos tempo, opta por encurtar as falas de Mr Darcy e Bingley, e colocar uma fala de Charlotte com Lizzy após ouvir o desprezo de Mr Darcy, o roteiro manteve a essência do texto, transmitindo perfeitamente a ofensa que Lizzy sofreu e o surgimento de um sentimento nada positivo pelo “cavalheiro”. Enquanto na série há mais tempo para o desenvolvimento da cena, e a opção de mostrar quase que por completo no roteiro a escrita de Jane Austen, não mostrando a fala de Lizzy com a amiga, a conversa de Bingley e Darcy está praticamente na íntegra e consegue transmitir o sentimento de desprezo que Lizzy sentiu após ser considerada tolerável.

Os recursos disponíveis para a tradução intersemiótica da linguagem literária para a cinematográfica como os ângulos, movimentos e planos da câmera, a trilha sonora, as adaptações dos diálogos e situações, proporcionam, sim, a possibilidade de uma adaptação bem-feita. O filme de Wright mostra que isso é possível, ao se mostrar uma adaptação coerente com o que propõe: um romance hollywoodiano atual simulando uma história de época, voltado para um público que espera entretenimento leve, romântico e comercial. (GUIMARÃES, 2011, p.50)

É interessante notar que a série da BBC usa muito o recurso de mostrar os olhos dos personagens, especialmente os de Lizzy “Em geral, a adaptação de *Orgulho e Preconceito* da BBC é prolífica em exemplos que demonstram uma consciência acerca dos significados e do olhar” (AZERÊDO, 2013, p.60), essa questão do olhar está presente em toda a obra de *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen e a adaptação da BBC opta por manter esse contexto.

Mas estas diferenças não tiram das adaptações literárias a sua possibilidade de trazer o contexto do livro, ambas foram capazes de expressar a essência que a autora produziu. Se agradará ou não ao público, isso já é um particular de cada um, pois cada pessoa ao ler produz em sua mente uma imagem e nem sempre corresponde à adaptação. Conforme Guimarães

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

(2013, p. 43) afirma que “Uma adaptação será considerada ruim pelo público em geral quando muda drasticamente a história, exclui partes importantes, cria ou retira personagens essenciais. O público também costuma achar ruim uma adaptação que não se baseia na mesma interpretação que ele próprio fez do livro.” O que não é o caso destas adaptações que independente de ser um filme de 60 minutos ou uma série de 6 capítulos, ambas dentro de suas opções, mantiveram a essência do texto de Jane Austen em *Orgulho e Preconceito*, trazendo para si milhares de fãs do mundo inteiro, e alguns que não conseguem decidir qual delas é a mais amada. O importante de tudo, é que as adaptações não parem de ser produzidas, pois elas reatualizam obras que estavam esquecidas e mantêm a popularidade de muitos autores em alta, independente do ano ou século que foi escrita. Analisando essa intersecção, vejo que a obra de Jane Austen está muito bem viva, e com produtoras empenhadas em buscar um ótimo resultado, fazendo jus aos textos produzidos por Jane, que levava muito a sério a atividade de revisar a sua obra várias vezes. Adaptação literária foi e sempre será importante no contexto da Intertextualidade, e cresce neste mercado rico que é o universo das intermídias.

Referências

- #1 – Quem é esta mulher [Locução de]: Thaís Brito [S.l.] Café com Austen, 31 de mar. 2019. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5QbNj6pgQhTusaS7PEV7P1>. Acesso em: 02 ago. 2019.
- AMORIN, Maria Inês Freitas de. Diálogos intermediários de Jane Austen: entre os livros e o youtube. In: XV Congresso Internacional ABRALIC. 07 a 11, agosto, 2017. UFRJ, Rio de Janeiro, RJ. Anais (on-line). Brasília: ABRALIC, 2017. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522196114.pdf. Acesso em: 02 ago. 2019.
- AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. Tradução Lúcio Cardoso. (10. ed.) Rio de Janeiro, Bestbolso, 2018.
- AZEREDO, Genilda. *Para celebrar Jane Austen: diálogo entre literatura e cinema*. (1.ed.) Curitiba: Appris, 2013.
- CLÜVER, Claus. *Intermedialidade*. Pós: Belo Horizonte, v.1.n.2.p.8 – 23 nov. 2001.
- COUTO, Lucas. O que é a Regra do Hitchcock? In: Blog Emania. 14 nov. 2015. Disponível em: <https://blog.emania.com.br/o-que-e-a-regra-do-hitchcock/>. Acesso em: 02 ago. 2019.
- GANDARA, Lemuel da Cruz. *Jane Austen no cinema literário: Tradução coletiva e dialogismo no grande tempo das artes*. 20015. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literaturas) – UNB, Brasília, 2015.
- GUIMARÃES, Priscila Dudziak. *Tradução Intersemiótica da Linguagem Literária para a Linguagem Cinematográfica: Análise da Adaptação do Filme “Orgulho e Preconceito”*

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

(2005) a partir do romance *Homônimo* de Jane Austen. Monografia (Graduação). UNICAMP, Campinas, 2011.

MUSMANNO, Luana Maricato. *Perspectivas intersemióticas e transmidialidade: adaptando Jane Austen no século XXI*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015.

PAPO DE PENGUIN: Jane Austen com Julia Romeu e Marco Ferroni [Locução de]: Luara França. [S.l.] Radio Companhia, 10 de jun. 2019. *Podcast*. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/1eefKhCgNFRXD4Ks74rWhj?si=bNvS8ZcqTq6_bTLO1JnaQ. Acesso em: 02 ago. 2019.

ORGULHO e preconceito. Direção: Joe White. Produtor: Tim Bevan, Eric Fellner, Paul Webster. Intérpretes: Keira Knightley; Matthew Macfadyen; Brenda Blethyn; Donald Sutherland; Rosamund Pike; Jena Malone; Tom Hollander; Penelope Wilton; Judi Dench e outros. Roteiro: Deborah Moggach. Música: Dario Marianelli. Reino Unido, Estados Unidos. Universal Studios, c2005, 1DVD (127 min), Widescreen, color. Baseado no romance “Orgulho e preconceito, de Jane Austen.

ORGULHO e preconceito. Direção: Simom Langton. Produtor: Sue Birtwistle. Intérpretes: Jennifer Ehle, Colin Firth; David Bamber, Benjamin Whitrow e outros. Roteiro: Andrew Davies. Música: Carl Davis. Reino Unido. BBC, c1995, 6DVD (55 min), Widescreen, color. Baseado no romance “Orgulho e preconceito, de Jane Austen.

OZI Labs – Linguagem Cinematográfica. Ozzi Audiovisual. Youtube. 3 jun 2016 . 21min33s. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=F5XLgFa4M_c Acesso em: 02 ago. 2019.

VUADEN, Filipe Róger. A centralidade de *Pride and Prejudice* para a consolidação e manutenção da Austenmania. *Ilhas Literárias: Estudos de transárea*, UFRGS, Porto Alegre, 2018. Disponível em: https://www.ufrgs.br/ppgletras/coloquiosularquipelagos/artigos/06_PrideandPrejudice.pdf. Acesso em: 02 ago. 2019.